



A cathedral de S. Paulo em Londres

A magnífica e verdadeiramente magestosa cathedral de S. Paulo em Londres, situada quasi no centro da vasta metrópole, e assente no local em que estivera a antiga igreja do mesmo nome, é um dos primeiros templos do mundo; e será sempre agradável lançar os olhos sobre a sua imponente perspectiva.

O incendio fatal que no anno de 1666 devorou a maior parte da cidade de Londres, destruiu tambem a antiga igreja de S. Paulo. No mesmo local, como dissemos, foi edificada a cathedral que o mundo admira: lançou-se a primeira pedra no anno de 1675, e 35 annos depois, isto é, em 1710 estava completamente concluida a edificação. A este respeito, é muito de notar a actividade singular e a perseverança admiravel da raça Anglo-Saxonia. Um só architecto começou e levou a cabo a obra; e no tempo de um só bispo se pôz remate á grandiosa fabrica! A basilica de S. Pedro gastou 135 annos a construir, durante os governos de 19 pontifices, e sob a direcção de doze architectos! E não se objecte que a igreja de S. Pedro em Roma é maior que a de S. Paulo em Londres; pois que a differença das dimensões não está em proporção com a differença do tempo que se gastou.

E a este ultimo proposito, parece-me curioso lançar aqui um quadro comparativo das dimensões dos dois templos:

| | S. PAULO | S. PEDRO |
|-------------------------|----------|----------|
| Comprimento no interior | 500 pés | 669 pés |
| Largura | 223 » | 442 » |
| Altura | 340 » | 432 » |

Indicaremos agora os nomes do bispo, no tempo do qual se começou e concluiu a edificação da cathedral de S. Paulo, e o do architecto e superintendente geral da obra.

O bispo chamava-se Crompton; e o architecto foi o famoso Sir Christopher Wren.

Relativamente a este ultimo devemos apontar uma circumstancia muito honrosa para a sua memoria, e para o povo inglez. Vem a ser, que á entrada do côro está uma pedra de marmore, na qual foi gravado, em lingua latina, um epitaphio que assim diz em linguagem: «Debaixo desta pedra está Christovão Wren, architecto desta igreja e cidade, que viveu, acima de noventa annos, não sómente para si, mas tambem para o publico. Leitor! Buscas o seu monumento? Olha em torno de ti!»

A cathedral de S. Paulo passa por ser um dos mais bellos templos da christandade. Foi construida pelo modelo da de S. Pedro em Roma, e é realmente um primor de architectura no seu genero. A fachada principal, ao poente, com as suas duas torres, seus porticos, e escadaria, assim como o zimbório que se alevanta magestoso no centro do edificio, apresentam uma perspectiva, melhor diriamos um espectáculo, que provavelmente outro nenhum iguala nas edificações religiosas.

Mas, não é sómente no exterior, que a cathedral de S. Paulo se ostenta sumptuosa e magnifica: no interior ha muito que ver e que admirar. Se ali fôrdes, não vos esqueça de tomar sentido no grandioso côro, no primeiro pavimento da livraria, na *escada geometrica*, na *galeria dos segredos ou do murmurio* (*whispering gallery*), na parte interna do zimbório, nas estatuas e columnas que adornam o templo.

Demorámo-nos em particularisar algumas noticias, que não existiam ainda publicadas nos artigos de outròs semanarios portuguezes.

O GENIO POETICO DE CAMÕES REVELADO NAS PRODUCCÕES ESTRANHAS AOS «LUSIADAS»

Sextinas. Elegias

É muito curioso o que encontro em Sismondi relativamente ás *Sextinas* de Camões.

O critico francez declara que apenas teve conhecimento de uma das sextinas; mas que lhe parecia ser do intento do poeta dar mostras de capacidade para se manter livre, ainda a despeito do aperto extremo d'este genero de poematos; de sorte que só o bom gosto o arredou de proseguir em composições de tal natureza.

São no numero de quatro as sextinas de Camões. Aqui reproduziremos o principio de cada uma d'ellas; apressando-nos todavia a observar, que por certo não chegaria Camões a immortalisar o seu nome, se apenas houvesse composto as sextinas.

1.^a

Foge-me pouco a pouco a curta vida,
Se por acaso he verdade qu'inda vivo;
Vai-se-me o breve tempo d'ante os olhos;
Choro por o passado; e em quanto fallo,
Se me passão os dias passo a passo.
Vai-se-me em fim a idade, e fica a pena,

2.^a

A culpa de meu mal só tem meus olhos,
Pois que derão a Amor entrada n'alma,
Para que perdesse eu a liberdade.
Mas quem pode fugir a huma brandura,
Que depois de vos pôr em tantos males,
Dá por bens em perder por ella a vida?

3.^a

Oh triste, oh tenebroso, oh cruel dia,
Amanhecendo só para meu damno!
Pudeste-me apartar daquella vista
Por quem vivia com meu mal contente?
Ah se o supremo fôrdes desta vida,
Qu'em ti se começara a minha gloria!

4.^a

Sempre me queixarei desta cruz
Que amor usou comigo quando o tempo,

Apezar do meu duro e triste fado,
A meus males queria dar remedio,
Em apartar de mi aquella vista,
Por quem me contentava a triste vida.

Rasão tem Costa e Silva, quando assim se exprime: = Entre as rymas de Camões encontram-se algumas sextinas: estes poemas, que D. Manoel José Quintana, com o bom gosto que distingue todos os seus juizos, qualificou de *impertinentes*, estão hoje de todo fóra da moda; e com rasão, visto que é tal a ruindade de sua natureza, que nem Petrarcha, nem Camões as poderam tornar supportaveis. =

— Passemos pois a outro genero de poesia, em que o divino Camões mais folgadoamente se ostenta grande poeta.

Muito ao de leve falla Sismondi das *Elegias* de Camões, e nem d'ellas apresenta uma só amostra.

Navegando na esteira de Boultterweck, diz que as *Elegias* lhe pareceram aproximar-se mais da *Epistola* do que da elegia propriamente tal. Assim mesmo, aprecia muito favoravelmente este genero de composições de Camões, porque encerram muitos pormenores da vida do poeta, e contribuem para o fazer conhecer mais intimamente.

Ao reparo de que em Camões está confundido o estylo da elegia com o da epistola, responde-se que um tal defeito, de si mui leve, é muito mais frequente em Bernardes, Caminha, e até em Ferreira, do que no grande poeta. — Se nas *Elegias* de Camões nem tudo é rigorosamente elegiaco, digamol-o assim, ha comtudo frequentes rasgos de suave, melancolica, quanto de harmoniosa expressão.

Não devo occultar que a critica aponta na maior parte das *Elegias* de Camões a falta de brevidade, — uma certa affectação — ausencia de traços verdadeiramente delicados, — e uma tal ou qual demasia de subtilidade. — Mas, a par d'esses senões, cumpre ponderar que a expressão é bastantes vezes repassada de brandura, ou de energia, de vivacidade e de nobreza, segundo a diversidade dos casos o requer.

Neste ultimo sentido, vos pôr diante dos olhos dos leitores a amostra de alguns tercetos de uma *Elegia* lindissima, na qual o desventurado poeta compara o seu desterro no Ribatejo com o de Ovidio no Ponto:

O Sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Vêr-se de seus Penates apartado;
Sua chara mulher desamparando,
Seus dôces filhos, seu contentamento,
De sua patria os olhos apartando;
Não podendo encobrir o sentimento,
Aos montes já, já aos rios se queixava.
De seu escuro e triste nascimento.

.....
Assí só, de seu proprio natural
Apartado, se via em terra estranha,
A cuja triste dôr não acha igual.
Só sua doce Musa o acompanha
Nos soidosos versos qu'escrevia
E nos lamentos com que o campo banha.

Não reparemos na exaggeração do pensamento, e na falta de euphonia, que este ultimo verso apresenta: vamos ver como o poeta exprime a comparação do seu estado com o do Sulmonenes Ovidio:

Dest'arte me figura a phantasia
A vida com que morro, desterrado
Do bem qu'em outro tempo possuia.
Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará por a memoria
De quem o traz na mente debuxado,
Aqui vejo caduca e débil glória
Desenganar meu erro co'a mudança
Que faz a fragil vida transitoria.

Agora, se quereis admirar a poesia em toda a sua formosura... lêde comigo estes dois tercetos :

Quando a róxa manhã, dourada e bella
Abre as portas ao sol, e cahe o orvalho,
E torna a seus queixumes philoméla ;

Este cuidado, que co'o o somno atalho,
Em sonhos me parece ; que o que a gente
Por seu descanso tee me dá trabalho.

Vejâmol-o agora subir vagaroso á cumiada de um monte, e allongar os olhos pelo horisonte, até dar com as aguas do Tejo, ás quaes endereça magoadas fallas :

Daqui me vou, com passo carregado,
A hum outeiro erguido, e alli m'assento,
Soltando toda a rédea a meu cuidado.

Depois de farto já de meu tormento,
Estendo meus olhos saudózos
À parte donde tinha o pensamento.

Não vejo senão montes pedregózos ;
E sem graça, e sem flor os campos vejo,
Que já floridos vira, e graciosos.

Vejo o puro, suave e rico Tejo,
Com as concavas bárças, que nadando
Vão pondo em doce effeito o seu desejo.

Humas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As crystalinas águas apartando.

Dalli fallo com a água que não sente :

.....
Ó fugitivas ondas, esperáe ;
Que pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas leváe.

Até que venha aquelle alegre dia
Qu'eu vá onde vós ides, livre e ledó.
Mas tanto tempo quem o passaria ?

Não pôde tanto bem chegar tão cedo :
Por que primeiro a vida acabará,
Que se acabe tão aspero degredo,
etc.

— Mil poetas hão cantado as doçuras da vida campestre ; mas bem poucos chegaram a captivar a alma dos que lêem suas descripções, porque não souberam dar á expressão o encanto que arrebatá, ou não se deixaram bem repassar do verdadeiro sentimento.

Vêde, porém, como o divino Camões logra commover-nos, em uma passagem da Elegia que assim começa : *O poeta Simonides fallando !* Escutae a primorosa imitação do bello trecho do Mantuano :

Oh Lavradores bem-aventurados !
Se conhecessem seu contentamento
Como vivem no campo socegados !
Dá-lhes a justa terra o mantimento ;
Dá-lhes a fonte clara d'agua pura ;
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Não vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente ;
Não temem o furor da guerra dura.
Vive hum com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A grã cobiça d'ouro reluzente.

Se lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa côr de Assyria tinto,
E dos torçoes Attalicos lavrado ;

.....
Se suas casas de ouro não s'esmaltão
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltão.

Alli lhe mostra o campo várias cores ;
Vem-se os ramos pender co'o fructo ameno ;
Alli se affina o canto dos pastores.
etc.

— Muito justificadamente diz Costa e Silva que o exordio da Elegia decima é modelada pelo gosto antigo. Eis aqui esse exordio, e os leitores confirmarão com o seu juizo aquelle conceito :

(A elegia é consagrada á expressão do pesar que o poeta experimentou, pela morte do seu amigo D. Miguel de Menezes.)

Que tristes novas, ou que novo dano,
Qu'inopinado mal incerto sôa,
Tingindo de temor o vulto humano ?
Que vejo ? as práias humidas de Goa
Ferver com gente attonita e turbada
Do rumor que de boca em boca vôa !
He morto D. Miguel (ah crua espada !)
E parte da lustrosa companhia
Que alegre s'embarcou na triste Armada.
etc.

— Se lérdes a apreciação que das Elegias faz o douto bispo de Vizeu, encontrareis mencionados os defeitos que atraz apontámos ; mas também encontrareis, depois da censura, este elogio : «Todavia as regras da brandura e ao mesmo tempo energia da paixão exprimida, em nenhuma se achão violadas ; e raramente carece a expressão ou de vivacidade, ou de nobreza.» Referindo-se particularmente á Elegia do desterro do poeta nas visinhanças de Santarem, encarece os formosos quadros, que ali avultam e de quando em quando confirmam o que o mesmo poeta diz naquelle verso : *A saudade escreve, e eu traslado.*

— No artigo immediato passaremos a tratar de outro genero de composições poeticas.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

UMA OBRA DO SEculo IX

(Continuado de pag. 376)

72. O victorioso Abadella enviou os seus prisioneiros algemados para o castello de Beccaria. Marchou sobre Cesaraugusta, tomou-a sem opposição e sujeitou-a a suas leis. Em seguida enviou a Cordoba seus emissarios, que alcançaram do rei a paz que observou com fidelidade. Mas como aquella cidade fosse reclamada pelo rei de Cordoba e não conviesse muito a Abadella, alteraram-se os Cordobeses, mas dentro em pouco todos se tornaram amigos. Abadella libertou seu tio, apoderou-se do castello de Balterra, deu também liberdade a seu primo tomou Tutela e o castello de S. Esteban, e conservou Cesaraugusta.

73. Nos mesmos dias, Didaco, conde de Castella e Vigila de Alava sustentaram muitos combates com Abadella, o qual vendo-se muito apertado, enviou emissarios ao nosso rei para propor a paz, mas este não acceitou. Continuou, comtudo, em amizade comnosco, ainda que o nosso Principe nunca teve grande confiança.

74. Depois, na Era DCCCCXXI, que é o presente anno, o referido Almundar, filho do Rei Mahomat, com o capitão Albohãlit, e todo o exercito de Spania, dirigio-se por mandado de seu pae a Cesaraugusta, onde encontrou Albadella que voltára ali. Só dois dias guerreou, mas em tão curto tempo arrasou os campos e as arvores, não só em Cesaraugusta, como em toda a terra de Benikasi. Tambem entrou em D. gium (Deza) e a destruiu, mas não poudesse assenhorear-se de nenhuma das cidades e castellos recentemente povoados. Pouco tempo depois invadio a mesma hoste os dominios do nosso rei, e pelejou primeiro no castello de Cellorico, onde perderam muitos dos seus. O conge Vigila defendia-o. (Continúa)

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO E OS PRETENDENTES

Antonio de Sousa de Macedo, no seu curioso livro: *Dominio sobre a fortuna*, traz á lembrança que o velho Horacio julgava bem aventurados e dignos de inveja os homens que não têm pretensões ou negocios na cõrte e perante os ministros:

*Beatus ille qui, procul negotiis,
etc.*

Em apoio desta judiciosa opinião do famoso lyrico romano, apresenta o escriptor portuguez as seguintes ponderações:

— É o que se experimenta, ajuda esta opinião; porque o que não é pretendente, não é dependente, não serve, não lisongeia, não soffre, não pede, não finge, não se queixa: vive quieto, honrado, isento, senhor de si, e igual aos que devêra rogar. =

Tambem o mesmo escriptor, fallando da *perseverança*, aproveita essa oportunidade para commendar aos pretendentes o soffrimento.

A este proposito, e citando o *Menosprecio de Cõrte*, de Guevara, recorda o pouco favor, e disabor que em alguns ministros se encontra, na falta de audiencia, na sequidão da resposta, no descuido da maior cortezia, e em outras cousas semelhantes.

Serão acaso, porém, sempre indisculpaveis os ministros? Não. Muitas vezes poderão ser explicados aquelles senões pelo enfadamento que os negocios causam, pelo aperto de occupaões, pela diversão em cuidados, pela inadvertencia talvez, e por algum achaque — a que estamos sujeitos.

Quereis agora ver qual conselho dá Antonio de Sousa de Macedo, em presença do que fica ponderado, aos pretendentes na cõrte e perante os ministros? Eil-o aqui: *Convém dissimular, fingindo não entender, ou mostrando judiciosa paciencia.*

Por minha parte direi aos pretendentes: *Não solliciteis senão aquillo a que tiverdes incontestavel direito!*; e aos ministros: *Não basta fazer justiça, é necessario fazel-a a tempo!*

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

UM PEDIDO A TODOS OS CABEÇAS DE FAMILIA

Eu li em um livro excellente: *Elémens de morale*, de Renouard, os seguintes pensamentos, que muito desejára gravar em caracteres profundos na alma de todos os paes, de todos os futuros, de todos e quesquer superiores:

— Ha na instrucção primaria uma parte, que

todos os paes devem proporcionar a seus filhos, seja qual for a condição em que estejam collocados: *ler, escrever, e contar*. Estes *novos orgãos*, que o homem pôde dar a si proprio, são uteis em todas as situações da vida; duplicam as forças do pensamento; facilitam a communicação com os nossos semelhantes, ainda a despeito da ausencia; dão lugar a que possamos conversar com os que já não existem; e habilitam-nos para guardar em deposito as nossas idéas, afim de as encontrarmos quando forem necessarias. — Por meio destes *novos orgãos* podemos administrar melhor a mais modesta, e egualmente a mais avantajada fortuna; podemos applicar o espirito de ordem e de providencia a todos os negocios; e por quanto a memoria fica segura, não perdemos todo o passado, e encontramos um guia para o futuro. — Os surdos não imaginam como é que os que vêem podem communicar entre si os seus pensamentos, sem se locarem e sem se ouvirem: quaes sacrificios não fariam uns e outros para gosarem do sentido que lhes falta? Se ha uma arte de conversar consigo mesmo a longos annos de distancia, e de viver com os ausentes e com os mortos; se ha uma arte de fixar e pintar a palavra, de reter o pensamento que escapa e foge, de eternisar a sua duração; se, para accrescentar esta faculdade á nossa existencia, bastam duas ou tres horas de trabalho por dia durante dois ou tres annos da infancia... não será acaso uma verdadeira loucura descuidarmo-nos voluntariamente de uma tão preciosa parte da existencia? =

Oh! meditêmos todos sobre os uteis, sobre as preciosas vantagens da boa prenda de saber ler, escrever, e contar, e façamos quanto em nós couber para que a infancia possa adquirir essa prenda, que tamanhos beneficios ha de proporcionar no decurso da existencia! Attendâmos todos a que um dever de consciencia nos obriga a mandar nossos filhos, pupillos, ou subordinados, ás escolas de instrucção primaria; e não queiramos atrair o pungente remorso de não termos contribuido para a felicidade das creaturinhas, que de nós têm direito a esperar a educação, a instrucção, os meios de aperfeiçoar o espirito e o coração!

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a colleção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a colleção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

As assignaturas fazem-se nos seguintes locais:
Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do PANORAMA, rua do Theouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.

De quaesquer outras terras do reino podem dirigir-se, em carta franca, com o importe da assignatura em valles do correio, ao antigo editor, rua Aurea n.º 132, accresce ao preço da assignatura, o porte do correio que é de 250 para os volumes em broxura e 310 réis para os encadernados.

Em Coimbra, Porto, Braga e Vianna, em todas as mais.

Poesia popular portugueza—Estudos por Theophilo Braga—Historia da poesia popular portugueza, 1 vol.—Cancioneiro popular, colligido da tradição oral, 1 vol.—Romanceiro Geral, contendo a flor dos romances anonymos do cyclo bretão e carlingiano, com um vergel de romances mouriscos, contos de cativos, lendas piedosas e xacaras, 1 vol. Preço 1\$500 réis. Vende-se nas principaes livrarias de Portugal e do Brazil.